

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)**

LEONARDO RONCON

**INFANTARIA NA FEB: MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ADESTRAMENTO DA
INFANTARIA DIVISIONÁRIA**

Resende

2017

LEONARDO RONCON

**INFANTARIA NA FEB: MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ADESTRAMENTO DA
INFANTARIA DIVISIONÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Academia Militar das
Agulhas Negras como parte dos
requisitos para a Conclusão do Curso
de Bacharel em Ciências Militares, sob
a orientação do Ten Inf Christofer
Gray Rangel Santos

Resende

2017

LEONARDO RONCON

**INFANTARIA NA FEB: MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ADESTRAMENTO DA
INFANTARIA DIVISIONÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Academia Militar das
Aglhas Negras como parte dos
requisitos para a Conclusão do Curso
de Bacharel em Ciências Militares, sob
a orientação do Ten Inf Christofer
Gray Rangel Santos

COMISSÃO AVALIADORA

Christofer Gray Rangel Santos – TEN Inf – Orientador

Resende

2017

Aos bravos pracinhas que deixaram seu país natal e lançaram-se no teatro de operações europeu para combater as atrocidades nazi-facistas. Estes combatentes demonstraram patriotismo e espírito de cumprimento de missão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre me deu força e suporte espiritual para prosseguir adiante e superar os desafios diários.

Aos meus pais, Valmir do Carmo Roncon e Izabel Cristina Cavaca Roncon, pelo esforço que desprenderam para me proporcionar uma boa educação e pelos exemplos que eles me demonstraram por toda a vida.

Aos meus irmãos, namorada e familiares pelo apoio, incentivo e motivação em todos os momentos. Além das orações que me deram forças para prosseguir até a conclusão deste curso.

Por fim, ao 1º Tenente Christofer Gray Rangel Santos pela dedicação e atenção ao me orientar corretamente para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

RONCON, Leonardo. **A infantaria na FEB: mobilização, organização e adestramento da Infantaria Divisionária.** Resende: AMAN, 2017. Monografia.

Este trabalho analisa a infantaria na FEB, mais especificamente sobre a preparação da Infantaria Divisionária no que tange aspectos de sua organização, da mobilização e do adestramento. Tem como objetivo analisar o alinhamento ideológico e doutrinário com os Estados Unidos para compreender como foi o processo de mobilização, organização e o adestramento da Infantaria Divisionária da FEB. Apresenta uma pesquisa tipo exploratória, utilizando a pesquisa bibliográfica e documental para obter os principais dados do estudo. Desta forma chegamos a conclusão de que o Brasil dispunha de material de guerra ultrapassado e em números insuficientes para enfrentar um conflito moderno desta magnitude. Além disto, a Escola Francesa seguida pelo Exército não se mostrava eficiente frente a este tipo de guerra. Concluímos então que a aliança Brasil-Estados Unidos possibilitou a modernização do material de guerra brasileiro, mas o tempo escasso fez com que a preparação das tropas não fosse a contento. Estes problemas foram superados graças ao esforço do comando para garantir a preparação dentro das possibilidades e, principalmente, pelo espírito aguerrido dos soldados brasileiros com indelével dever patriótico de combater aquela ditadura, culminando no êxito das operações. O conhecimento a respeito deste assunto deve ser fonte de estudo e empenho dos militares de Infantaria do Exército Brasileiro, pois é de fundamental importância o conhecimento de nossa história para que possamos identificar as oportunidades de melhoria e explorar os aspectos positivos, mantendo-se em constante aperfeiçoamento.

Palavras-chave: Infantaria, Força Expedicionária Brasileira, Infantaria Divisionária, 2ª Guerra Mundial.

ABSTRACT

RONCON, Leonardo. The infantry in the FEB: mobilization, organization and training of the Division Infantry. Resende: AMAN, 2017. Monograph.

This work analyzes the infantry in the FEB, more specifically on the preparation of the Division Infantry in what concerns its organization, the mobilization and the training. Its purpose is to analyze the ideological and doctrinal alignment with the United States for the process of mobilization, organization and training of the FEB Divisional Infantry. It presents a research search, use a bibliographical and documentary search to obtain the data of the study. In this way we came to the conclusion that Brazil had war material outdated and in numbers insufficient to face a modern conflict of this magnitude. In addition, the French School for the Army did not show itself in front of this type of war. We conclude that the Brazil-United States alliance allowed a modernization of the Brazilian war material, but the scarce time made the preparation of the troops not to the content. These problems are overcome by the effort of execution to guarantee the preparation within the possibilities, mainly by the brave spirit of the Brazilian soldiers with indelible patriotic duty to fight that dictatorship, culminating in the success of the operations. Knowledge is essential for the Brazilian Army Infantry, as it is of fundamental importance or knowledge of our history so that we can identify as opportunities for improvement and explore the positive aspects, keeping in constant improvement.

Key words: Infantry, Brazilian Expeditionary Force, Division Infantry, World War II.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	11
2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema	11
2.2 Referencial metodológico e procedimentos	13
3. ANTECEDENTES.....	15
3.1 Período entre guerras.....	15
3.2 Eclosão da 2ª Guerra Mundial.....	17
3.3 Aliança Brasil – EUA.....	17
3.4 Brasil declara guerra ao eixo	19
4. PREPARAÇÃO PARA O COMBATE.....	21
4.1 Criação da FEB	21
5. A INFANTARIA DIVISIONÁRIA	24
5.1 Mobilização	25
5.2 Organização	28
5.3 Adestramento.....	29
6. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o tema “Infantaria na FEB: mobilização, organização e adestramento da Infantaria Divisionária”, tem adquirido importância, pois, demonstra a situação do Brasil no período entre guerras. O Estado Novo de Vargas e as negociações para a criação de uma aliança com os Estados Unidos, bem como as consequências deste acordo para o preparo e envio desta força ao teatro de operações italiano também são retratados neste estudo.

Este tema, uma vez que, expõe quais foram as principais dificuldades encontradas pelo Exército Brasileiro ao mobilizar um grande efetivo em condições de combater, organizar uma tropa de acordo com uma doutrina diferente da que era utilizada e adestrar as frações mesmo com a deficiência de meios disponíveis para isto, é relevante para o meio militar, pois este trabalho mostra como estes problemas foram superados pelo comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

A presente pesquisa busca tratar do tema sob a perspectiva da formação da Infantaria Divisionária (ID) da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), descrevendo sua organização, como o efetivo foi mobilizado e também o processo de adestramento das tropas. Este trabalho relata inicialmente o inconformismo ideológico do governo brasileiro e da negociação de uma aliança com os Estados Unidos. Posteriormente serão estudadas as dificuldades e suas respectivas soluções que contribuíram para o exímio sucesso da FEB.

Delimitamos o nosso foco de pesquisa na preparação, isto é, na formação da ID da FEB, especificando a mobilização e sua organização, além do modo como foi realizado seu adestramento até o momento em que entrou em confronto com as tropas nazistas.

Faz-se necessário definirmos alguns conceitos que entendemos como fundamentais para o desenvolvimento do assunto. A Segunda Guerra Mundial foi um conflito envolvendo diversas nações, de um lado os países Aliados, o qual o Brasil se alinhou, e do outro os países do Eixo, liderados pelo governo nazista de Hitler. A Força Expedicionária Brasileira, foi uma tropa brasileira, formada por elementos divisionários e não divisionários, que foi enviada ao teatro de operações italiano para combater ao lado dos países aliados contra o Exército Alemão. Inicialmente esta Força seria composta por um Corpo de Exército, porém devido a dificuldades para mobilizar pessoal e também pela escassez de tempo e recursos, somente uma

Divisão chegou a ser enviada para a Itália. Esta Divisão era formada, dentre outras frações, por uma Infantaria Divisionária, que será o foco deste estudo.

A infantaria Divisionária (ID) [...] foi comandada pelo General Euclides Zenóbio da Costa e tinha um efetivo total previsto de 9.796 homens, com três Regimentos de Infantaria (RI), [...] Os Regimentos eram o 1º RI (Regimento Sampaio – Rio de Janeiro – DF), o 6º RI (Regimento Ipiranga – Caçapava – SP) e o 11º RI (Regimento Tiradentes – São João Del Rei – MG). (FARIA, 2015, p. 241)

O objetivo geral do estudo consiste em analisar, desde a eclosão da 2ª Guerra Mundial, como o Brasil preparou uma tropa apta a combater o Exército Nazista com pleno êxito de suas ações. Para isso, atingiremos alguns objetivos específicos. Primeiramente analisaremos o alinhamento ideológico e doutrinário com os Estados Unidos, depois compreenderemos como foi o processo de mobilização, organização e o adestramento da Infantaria Divisionária da FEB para entender como uma tropa, mesmo diante de tantos obstáculos, mostrou-se eficiente contra as tropas nazi-fascistas.

Nossa principal fonte de consulta foi o livro A FEB pelo seu Comandante, do autor João Batista Mascarenhas de Moraes. Também foram utilizados outros autores, artigos da internet, bibliografias e livros de história que serviram de base para a coleta de dados.

A presente monografia está assim estruturada:

No primeiro capítulo, procuramos entender o contexto mundial pós 1ª Guerra Mundial. Desde o Tratado de Versalhes, quando a Alemanha foi responsabilizada pela 1ª Guerra Mundial, passando pelo alinhamento ideológico e econômico entre Brasil e Estados Unidos terminando com a declaração de guerra pelo Brasil aos países do Eixo. Para a elaboração deste capítulo utilizamos como fontes principais o livro Aliança Brasil Estados Unidos 1937-1945, do autor Jr Frank D. McCann e A FEB pelo seu comandante, do autor Marechal Mascarenhas de Moraes.

O segundo capítulo aborda como foi organizada a tropa brasileira que atuou em território italiano. A principal fonte utilizada foi o livro Introdução à história militar brasileira, de vários autores e organização geral de Durland Puppim de Faria.

No terceiro e último capítulo apresentamos a constituição da Infantaria Divisionária e como procedeu a sua formação e preparo, abordando a mobilização,

organização e adestramento desta tropa. Utilizamos como fonte o livro II Guerra Mundial sessenta anos depois, os impactos do conflito sobre o Brasil, do autor Josué Mussalém, o livro Introdução à história militar brasileira, de vários autores e organização geral de Durland Puppim de Faria e o livro Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias, do próprio Marechal Mascarenhas de Moraes

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Realizaremos uma pesquisa tipo exploratória, utilizando a pesquisa bibliográfica e documental para obter os principais dados do estudo. Nosso tema de pesquisa insere-se na linha de pesquisa e área de estudo história militar.

Buscamos analisar o processo de mobilização, organização e adestramento da Infantaria Divisionária para a Segunda Guerra Mundial. Identificaremos as dificuldades e como elas foram contornadas, possibilitando a esta tropa uma atuação ímpar diante de um inimigo considerado melhor preparado.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

Buscando identificar o que de mais relevante e atualizado tem sido produzido sobre o tema a infantaria na FEB, mais especificamente sobre a preparação da Infantaria Divisionária no que tange aspectos de sua organização, da mobilização e do adestramento. Pesquisamos alguns autores; dentre eles, Moraes (1960), que aborda o tema da perspectiva do comandante da FEB, chegando à conclusão de que as dificuldades encontradas para mobilizar, organizar e adestrar uma tropa para combater no teatro de operações italiano não foi um obstáculo definitivo para os brasileiros.

Durante o Estado Novo de Vargas, o mesmo tomou diversas medidas que em muito se aproximavam ideologicamente com os regimes totalitaristas fascistas e nazistas europeus. Vemos em Faria (2015, p. 232):

O Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas em 1937, havia fechado o Congresso, imposto a censura à imprensa, prendido líderes políticos e sindicais e colocado interventores nos governos estaduais [...] Com um estilo 'populista', Getúlio Vargas montou um poderoso esquema para valorizar seu governo, criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), claramente inspirado no aparelho nazista de propaganda, idealizado por Joseph Goebbels, na Alemanha [...] Por outro lado, Vargas criou o salário mínimo e instituiu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), dentre outros benefícios de cunho social. (FARIA, 2015, p. 232)

Apesar de o governo brasileiro ser totalitarista, houve uma aproximação com os Estados Unidos, que lutavam contra as ideologias totalitaristas da Europa. Em solidariedade à Doutrina Monroe, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo em janeiro de 1942, após o ataque Japonês à Base Aeronaval de Pearl Harbor em 07 de dezembro de 1941. (FARIA, 2015, p. 234)

Os nazistas reagiram à aproximação do Brasil com os Estados Unidos e passaram a utilizar submarinos para torpedear navios mercantes na costa brasileira.

Exatamente nesta época, a desfaçatez dos submersíveis eixistas, em repetidos e traiçoeiros ataques à nossa Marinha Mercante, atingiu um clímax intolerável ao brio nacional, com o torpedeamento, no breve espaço de dois dias, de cinco vapores, à vista de nossas praias e em requintes de inacreditável indignação

Tais atentados à nossa soberania avolumaram a onda de indignação popular e conduziram o nosso Governo a declarar guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942. (MORAES, 1947, P. 24-25)

Agora é oficial, o Brasil está em guerra contra os países do Eixo e pretende mobilizar uma Força Expedicionária. Para isso o General Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, designa o General Mascarenhas de Moraes, então comandante da 2ª Região para o comando da tropa expedicionária.

Para Moraes (2005, p.27), “Numerosos e difíceis foram os obstáculos à tarefa de se organizar uma força expedicionária de acordo com os moldes norte-americanos”. Isso devido ao fato de que a organização era diferente do modelo norte americano, devido à influência francesa. Moraes (2005, p. 27) continua, “Há longos anos o Exército Brasileiro vinha sendo instruído por uma operosa missão militar francesa”.

Diante do que encontramos na literatura acerca do tema, podemos identificar algumas questões que nos parecem problemáticas – como a Força Expedicionária Brasileira lidou com a dificuldade na seleção do pessoal, a insuficiência de material de guerra norte americano para familiarização e adestramento no Brasil e o reduzido tempo para reestruturar uma Divisão de Infantaria inteira? Ou, colocado de outra forma, como o Exército Brasileiro, mesmo com escassez de recurso humano preparado, material de guerra e tempo para adestramento adequado, conseguiu enviar para a Itália uma tropa capaz de romper a linha gótica e combater o Exército Alemão?

Dados preliminares apontam que a aliança com os Estados Unidos contribuiu para o esforço de guerra. Por meio da Lei do Empréstimo e Arrendamento o Brasil poderia para adquirir material de guerra com facilidade no pagamento.

[...] Os EUA forneciam o material bélico e os artigos de subsistência pelo 'Land Lease', com a previsão de 50% do material de uma DI entregue no Brasil para treinamentos das Divisões brasileiras. Caberia, igualmente, oferecer estágios de instrução militar para oficiais brasileiros nos EUA e enviar militares norte-americanos como instrutores para o Brasil. [...]. (AMAN, 2010, p. 251, apud GUEDES, 2015, p.14).

Ações adotadas pelo comando para a concentração das unidades expedicionárias na 1ª Região Militar, por meio do Aviso Reservado nº 3.130, de 21 de janeiro de 1944, tornaria mais efetiva a ação de comando do General Mascarenhas de Moraes. (MORAES, 2005, p. 32)

Ainda segundo Moraes (2005) devido a falta de quantidade de material disponível para as instruções às frações, o adestramento militar começou pelo que havia de mais elementar na instrução individual, restringindo-se a marchas, treinamento físico militar e ordem unida. O adestramento teve que ser complementado já em território italiano.

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Visando confirmar o que é apresentado pela literatura formulamos o seguinte problema de pesquisa: Quais as dificuldades encontradas para mobilizar, organizar e adestrar uma Divisão de Infantaria em tão pouco tempo? Como ocorreu este processo e como o comando contornou tais barreiras?

Partimos da hipótese de que a determinação dos pracinhas brasileiros e o esforço realizado pelo comando da FEB foram fatores preponderantes para superar as dificuldades e alcançar o êxito nas operações em solo italiano.

Nossos objetivos foram analisar o alinhamento ideológico e doutrinário com os Estados Unidos, compreender como foi o processo de mobilização, organização e o adestramento da Infantaria Divisionária da FEB para, por fim, entender como uma tropa, mesmo diante de tantos obstáculos, mostrou-se eficiente contra as

tropas nazi-fascistas. Visando-se, especificamente, estudar como foi organizada e adestrada a Infantaria Divisionária.

Com o propósito de operacionalizarmos a pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos descritos abaixo.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica visando rever a literatura que nos fornecesse base teórica para prosseguirmos na pesquisa. Desse levantamento, destacam-se livros, autobiografias e artigos disponíveis na internet que relatam sobre o assunto da perspectiva do próprio comandante da FEB, de militares que vivenciaram a guerra e também da perspectiva de estudiosos da área.

Nossa primeira constatação foi que foram editados até o momento muitos títulos sobre o assunto “a infantaria na FEB”. Quanto à qualidade das fontes encontradas, podemos dizer que, por se tratar de um assunto historicamente recente, que desperta a curiosidade de muitos e que influenciou praticamente toda a população mundial, o tema é amplamente estudado. Sendo assim as obras mais relevantes são escritas por autores de renome, garantindo a credibilidade das informações. Destacam-se, pela qualidade, pertinência e atualidade, as obras *Introdução à História Militar Brasileira* (2015), *Aliança Brasil Estados Unidos 1937/1945* (1995), *A FEB pelo seu comandante* (2005) e *Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias* (1969).

Adotamos como instrumento de coleta de dados o fichamento de documentos, livros de história e artigos da internet. Nossos objetivos foram obter o maior número de dados possíveis para obter a informação que mais corresponde à realidade da Infantaria Divisionária na época. As obras, em sua maioria, foram obtidas na biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras que conta com um acervo histórico e bibliográfico amplo e significativo.

3. ANTECEDENTES

3.1 Período entre guerras

Com o fim da 1ª Guerra Mundial, os países vencedores se uniram para as conferências de paz em Paris. Os países acreditavam que essas conferências seriam fundamentais para a manutenção da paz global. Segundo Savian e Lacerda (2015, p. 261) “Em 1919, nas conferências de paz em Paris, que puseram fim à Primeira Guerra Mundial, os líderes dos países vitoriosos resolveram considerar o conflito recém-terminado como a ‘guerra para acabar com todas as guerras’”.

Durante essas conferências foram discutidas uma série de medidas para alcançar a tão almejada paz mundial. Uma delas foi a inauguração, de um que foi talvez o primeiro organismo destinado a resolução dos conflitos internacionais, a Liga das Nações. Esta Liga valeria do poder coercitivo de seus membros para preservar a estabilidade internacional, porém uma importante potência mundial do período, os Estados Unidos da América, não foi incluída. Savian e Lacerda (2015, p. 261) confirmam no trecho “A liga, entretanto, surgiu com um sério problema, que em muito a enfraquecia: a ausência dos Estados Unidos, cujo Congresso não ratificou a decisão do presidente Woodrow Wilson de incluir seu país na nova organização.”

A ausência dos Estados Unidos na Liga, fez com que esta não tivesse grande projeção no cenário mundial e por isso mostrou-se incapaz de solucionar alguns conflitos internacionais que, pela escalada da crise, levaram à Segunda Guerra Mundial.

O Tratado de Versalhes, como tantos outros, também acordado durante as conferências de paz na capital francesa, imputava a Alemanha como a principal culpada pela Primeira Guerra Mundial. Em consequência, este Tratado prevê uma série de cláusulas à esta nação como forma de reparação aos danos deste conflito.

A posição anglo-francesa acabou prevalecendo no texto do Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919. “Com o acordo, a Alemanha perdeu aproximadamente 13% de seu território e 10% da população”, diz a historiadora Ruth Henig, da Universidade de Lancaster, na Inglaterra. “O país também abriu mão de suas colônias, de 75% das reservas de ferro e de 26% das minas de carvão.” Além disso, os alemães tiveram de destruir cerca de 15 mil aviões, 6 milhões de fuzis e 130 mil metralhadoras. Sua Força Aérea foi abolida. O Estado-Maior, dissolvido. E o Exército, reduzido a 100 mil homens. O Porto de Danzig, com quase meio milhão de alemães,

passou para o controle da recém-criada Liga das Nações – precursora da Organização das Nações Unidas (ONU). (Szklarz, 2008)

No continente americano, os EUA passou por uma grave crise econômica decorrente da superprodução alcançada durante a primeira guerra mundial. Neste período os norte-americanos dominaram o mercado mundial, já que os países europeus estavam demasiados envolvidos no conflito. Porém, a partir da recuperação gradativa das potências europeias, estes deixaram de importar produtos americanos, que foram obrigados a estocar as produções. Para agravar a situação, a euforia não controlada dos investidores levou a uma supervalorização das ações e, quando a crise alcançou a Bolsa de Nova Iorque, houve a “quebra” em 1929. Como consequência muitas empresas foram à falência e os índices de desemprego dispararam. Em resposta, o governo tomou medidas que refletiram no mercado internacional.

Para fazer frente à crise, os Estados Unidos reduziram drasticamente a compra de produtos estrangeiros e suspenderam (ou cobraram) empréstimos a outros países. Dessa forma, a crise norte-americana propagou-se internacionalmente, tendo início a “Grande Depressão” (período de crise econômica internacional que se sucedeu à queda da Bolsa de Nova Iorque). (SAVIAN e LACERDA, 2015, p.263)

A crise econômica e a frustração do povo alemão ao Tratado de Versalhes formaram o cenário ideal para o surgimento de uma liderança que exaltasse a Alemanha. Neste contexto o partido Nazista, com característica nacionalista, socialista, militar e totalitarista conquistou eleitores e conseguiu resultados positivos durante as eleições de 1933. Adolf Hitler é o novo Chanceler daquela Nação e posteriormente alcança a presidência do país. A partir de então, Hitler fez da Alemanha um governo totalitarista e com ambições expansionistas. Segundo Savian e Lacerda (2015, p. 264) “Depois de tornar-se o líder absoluto da nação (fuhrer), Hitler passou a cogitar a expansão territorial da Alemanha e a objetivar a união dos povos germânicos em um grande Estado, onde pudessem desenvolver todas as suas potencialidades.”

Hitler então tomou uma série de medidas que visavam recuperar a economia alemã, segundo Savian e Lacerda (2015, p. 264) “[...] a ponto da produção industrial alemã, em 1939, só ser superada pela norte-americana.” Isto lhe trouxe grande

aprovação da população. Surge então a figura de um líder extremamente carismático, em quem os alemães depositam suas esperanças.

3.2 Eclosão da 2ª Guerra Mundial

Apesar da recuperação econômica do Terceiro Reich, Hitler ainda esbarrava no Tratado de Versalhes para iniciar sua expansão. As suas cláusulas dificultavam a reestruturação das forças armadas, porém eles contavam com o apoio secreto da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)

As restrições do Tratado de Versalhes, no entanto, não surtiram os efeitos desejados, pois foram ludibriadas pelos alemães, que firmaram acordos militares secretos com os soviéticos, pelos quais foram autorizados a instalar fábricas, desenvolver equipamentos militares e treinar tropas e pilotos na URSS [...] (SAVIAN e LACERDA, 2015, p.266)

Pouco a pouco a Alemanha se armava, de acordo com Savian e Lacerda (2015, p. 268) “[...] em 1935, o líder alemão declarou publicamente que seu país se rearmaria e reintroduziria o serviço militar obrigatório.” As tensões aumentavam a medida que Hitler expandia o III Reich e a Liga das Nações, incapaz de barrar o movimento, assistia a tudo sem nenhuma iniciativa.

Em março de 1936 o III Reich ocupou militarmente a Renânia, (...) Força Aérea Alemã havia atingido um nível de eficiência e um poder igual ao da Real Força Aérea (RAF), (...) Em março de 1938, depois de uma série de exigências dirigidas ao governo da Áustria, Hitler ocupou o país e anexou à Alemanha. Em sequência anexou o território dos Sudetos, na Tcheco-Eslováquia. Em março de 1939, prosseguindo com suas conquistas, anexou à Bósnia e a Morávia, com apoio dos partidos nazistas locais. (FARIA, 2015, p.231)

Ciente de que o conflito estaria próximo, em 1939 Hitler e soviéticos acertam a divisão da Polônia e firmam um pacto de não agressão. Desta forma os alemães evitam que o conflito se desenvolva em duas frentes. Finalmente, em setembro do mesmo ano, a Alemanha invade a Polônia e, de imediato, França e Inglaterra declaram guerra aos alemães, iniciando a Segunda Guerra Mundial (FARIA, 2015).

3.3 Aliança Brasil – EUA

É importante que na década de 30, o governo de Getúlio Vargas, com o apoio do Exército, dissolveu o congresso para redigir uma nova constituição, dando início ao Estado Novo. A grande centralização do poder e autoritarismo do presidente eram características deste regime, além disso, o estilo populista de Vargas e a criação de órgãos de imprensa que vangloriavam seu governo o aproximavam do autoritarismo fascista europeu. Faria (2015, p. 232) cita em sua obra ao falar do regime de Vargas “[...] criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) claramente inspirado no aparelho nazista de propaganda, idealizado por Joseph Goebbels, na Alemanha”.

No início da Segunda Guerra Mundial, o país manteve-se neutro. Porém alguns brasileiros, principalmente do governo do Estado Novo eram fascinados pela ideologia nazista. O grau de envolvimento era tanto, que policiais brasileiros foram enviados para um estágio na Gestapo e o Chefe do Estado Maior do Exército, General Góis Monteiro, participou de manobras do Exército Alemão, propondo ainda o rompimento com a Inglaterra após a mesma ter apreendido um navio mercante brasileiro com armas alemãs (FARIA, 2015).

Enquanto por um lado o governo pendia para o lado nazista, por outro, os norte-americanos demonstravam grande interesse em firmar uma aliança com o Brasil. Os EUA viam a costa do nordeste brasileiro como uma porta de entrada para o continente Sul Americano caso a guerra tomasse os rumos do ocidente. Esta região também permitiria a instalação de bases aéreas mais próximas ao continente africano (FARIA, 2015).

Uma aliança com os americanos mostrava-se cada vez mais vantajosa, principalmente do ponto de vista econômico. Os EUA estavam dispostos a conceder créditos para aquisição de material bélico e implantação de indústrias, como a Siderúrgica de Volta Redonda, no Brasil. Em troca, forneceríamos minérios e permitiríamos que instalassem bases militares no país.

Após longas negociações entre o governo americano e o Ministro da Fazenda brasileiro Souza Costa, finalmente em março de 1942, as partes assinaram o acordo de “Empréstimo e Arrendamento”, claramente vantajoso ao Brasil, e os acordos sobre as exportações de minério de ferro e borracha. (FARIA, 2015)

3.4 Brasil declara guerra ao eixo

O contexto da Segunda Guerra mundial é complexo. Os principais atores eram os Estados Unidos, ditos como defensores da democracia, e a Alemanha nazista de Adolf Hitler. O Brasil manteve-se em cima do muro até quando pode, tentando extrair proveito dos dois lados.

O Estado Novo de Vargas, por se tratar de uma ditadura e possuir características totalitaristas, por vezes mostrava-se simpático ao governo nazista. Tal fato é facilmente reconhecido pelo aumento das relações comerciais com os alemães, que levou o Brasil, no final da década de 30, a ser o sexto maior parceiro comercial alemão. (Revista Mundo Estranho, 2016)

Por outro lado, os Norte Americanos viam o Brasil como um importante aliado, pois éramos um fornecedor em potencial de matéria prima para a indústria bélica estadunidense e pela posição geográfica favorável do nosso país. Os EUA tinham interesse em instalar bases aéreas no nordeste brasileiro, pois assim encurtariam o deslocamento de tropas e suprimentos aliados para o fronte do norte da África. Além do mais, caso a guerra tomasse os rumos do continente Americano, seria de suma importância a defesa da costa brasileira, pois esta seria a provável porta de entrada para uma invasão dos países do Eixo na América do Sul.

Pelos motivos expostos o Brasil encontrava-se entre a simpatia com os países do eixo e as pressões para a consolidação de um alinhamento com os Estados Unidos. Em uma hábil manobra do governo, o país buscou firmar aliança com os EUA, pois este demonstrou ser mais vantajoso.

A assinatura do acordo de Empréstimo e Arrendamento consolidou a aliança Brasil-Estados Unidos. Segundo a revista Mundo Estranho:

Nessa negociação, quem pôs mais vantagens na mesa foram os americanos, que ofereceram colaboração econômica, ajuda para reequipar as Forças Armadas e apoio financeiro para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), que impulsionou a modernização do parque industrial. (Revista Mundo Estranho, 2016)

Desta maneira, em Janeiro de 1942 o Brasil rompe relações diplomáticas e comerciais com Alemanha, Itália e Japão. Em resposta o Eixo passou a atuar com

submarinos na costa brasileira afundando navios mercantes como forma de bloqueio comercial. Entre 1941 e 1944 foram 35 navios brasileiros atacados, resultando em 1.081 mortos documentados e 1.686 sobreviventes. (TOSTA, 2012)

A reação popular foi imediata, dezenas de passeatas de estudantes e do povo contra os nazistas foram organizadas para pressionar o governo. Somando-se a isso, o ataque japonês à base militar de Pearl Harbor, endossou ao Brasil a necessidade de declarar guerra ao Eixo, honrando a Doutrina Monroe e o Acordo firmado em Havana-Cuba. O Jornal do Brasil (Rio de Janeiro, 1941) manifestou-se ante tal fato: “O Brasil era neutro, mas agora a neutralidade é o passado... Estamos em guerra.” (apud McCann, 1995, p.203)

4. PREPARAÇÃO PARA O COMBATE

Após a declaração de guerra aos Países do Eixo, o Exército brasileiro, contando com o apoio dos EUA, começou a preparação para o combate. O então General Mascarenhas de Moraes aceitou prontamente o convite do então Ministro da Guerra, General Dutra. (MORAES,1969). Deste momento em diante, o Exército começa seu esforço de guerra para mobilizar uma Força Expedicionária.

4.1 Criação da FEB

No início do ano de 1943, cogitava-se a ideia de constituir uma Força Expedicionária, porém os equipamentos de guerra do Brasil estavam ultrapassados e existiam em números insuficientes. A mobilização desta tropa só seria possível com o apoio dos norte americanos. No artigo de Moreira, vemos que:

A idéia de se criar uma força militar para participar do conflito surgiu em fevereiro de 1943, no encontro dos presidentes dos Estados Unidos e do Brasil, Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Na ocasião, Getúlio argumentou que o envio de tropas dependeria exclusivamente do reaparelhamento bélico das Forças Armadas Brasileiras. (MOREIRA, 2014)

No dia 13 de agosto de 1943, foi publicada no Boletim Reservado do Exército a Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 de agosto de 1943. Este documento determinava que a FEB seria constituída por Orgão Não Divisionários e a 1ª Divisão de Infantaria Divisionária Expedicionária (Figura 1). (MORAES, 2005)

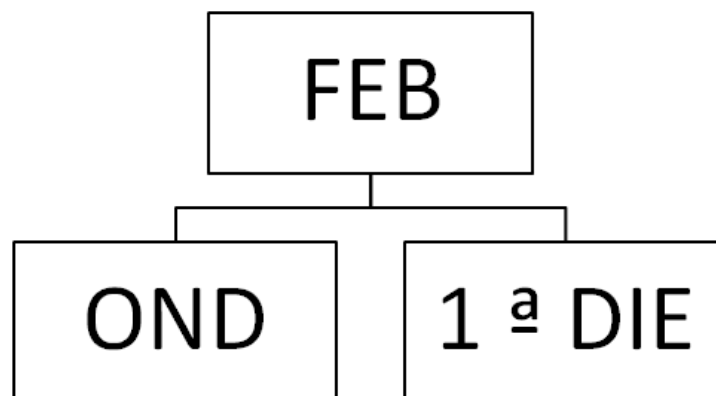
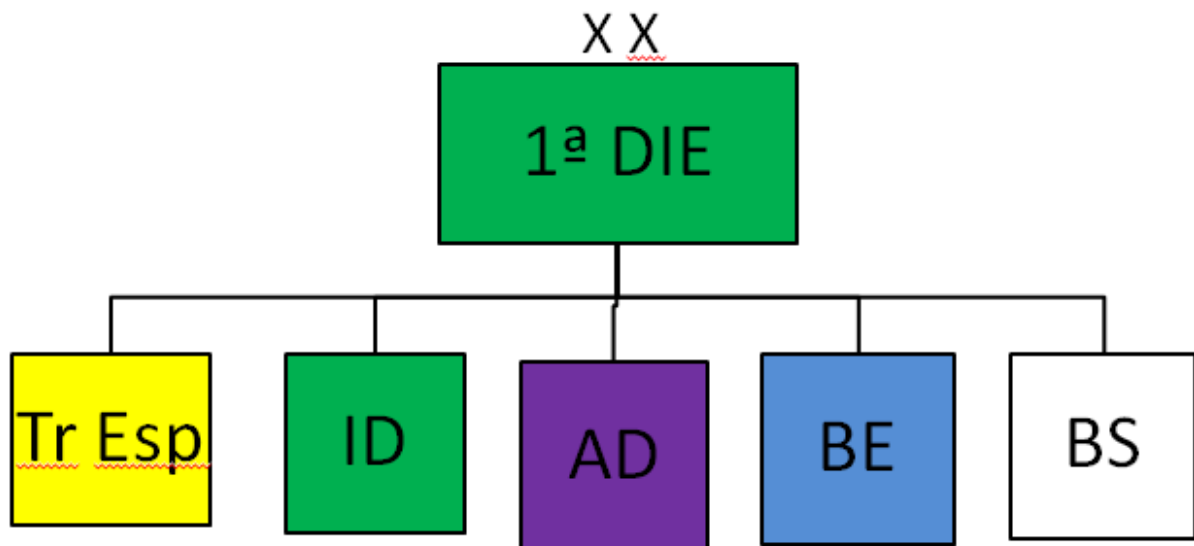


Figura 1 – Organização da FEB

Fonte: Faria, 2015, p.241

A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, também comandada pelo General Mascarenhas de Moraes, estava enquadrada no V Corpo de Exército Americano, comandada pelo General Mark Clark. Por essas e outras razões, ela foi organizada conforme o modelo norte americano. A divisão contava com uma Tropa Especial, a Infantaria Divisionária, Artilharia Divisionária, Batalhão de Engenharia e um Batalhão de Saúde (Figura 2), além de 1.410 viaturas, que eram capazes de garantir a mobilidade tática de um terço de seu efetivo.



Fonte: Faria, 2015, p.241
 Figura 2 – Organização da 1ª DIE

Para a completa constituição da Divisão de Infantaria Expedicionária aos moldes da doutrina Americana, houve a necessidade de criar algumas organizações militares. O Boletim do Exército (BEx), de 23 de agosto de 1943 tratou de publicar a criação dessas organizações, sendo a maioria delas incorporadas na tropa especial da 1ª DIE. (FARIA, 2015, p. 241)

Para o Estado Maior (EM) da 1ª DIE, foram escolhidos os oficiais mais capacitados. Faria relata em seu estudo que “[...] o Chefe do EM o Cel Floriano Lima Brayner, o E2 (inteligência) o Ten Cel Amaury Kruehl e o E3 (instruções/operações) o Ten Cel Humberto De Alencar Castelo Branco.” Os chefes das unidades também foram cuidadosamente selecionados, como o General Euclides Zenóbio da Costa, designado para comandar a Infantaria Divisionária. Ele foi empregado nas lutas internas como a Revolta do Contestado, o levante tenentista, o movimento

constitucionalista, combateu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), além de possuidor do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército.

Nesta divisão estavam presentes elementos de Infantaria, a Infantaria Divisionária (ID), de Artilharia, a Artilharia Divisionária (AD), além do 9º Batalhão de Engenharia (BE), de Aquidauana, Mato Grosso, e do 1º Batalhão de Saúde (BS). Além disso, elementos de Cavalaria, o Esquadrão de Reconhecimento do 2º Regimento Motomecanizado, do Rio de Janeiro, e elementos da Tropa Especial (Tr Esp), formada pela Companhia do Quartel General da 1ª DIE, Companhias de Manutenção, Intendência e Transmissões, Pelotão de Polícia e a Banda de Música Divisionária também faziam parte da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. (MORAES, 2015)

5. A INFANTARIA DIVISIONÁRIA

A Infantaria Divisionária era a peça de manobra da FEB. Comandada pelo General Zenóbio da Costa, um chefe militar com ampla experiência em combates, cujo lema era “para frente, custe o que custar”. Este lema retrata o espírito do soldado de infantaria, capaz de cumprir as mais difíceis missões sob condições climáticas severas, tudo com o propósito de lutar em prol da liberdade.

Esta grande unidade, com o efetivo previsto de 9.796 homens, possuía três peças de manobra, que eram os Regimentos de Infantaria (RI): o 1º RI, Regimento Sampaio, da cidade do Rio de Janeiro, o 6º RI, Regimento Ipiranga, de Caçapava, São Paulo, e o 11º RI, Regimento Tiradentes, de São João Del Rei, Minas Gerais.

Pode-se visualizar a organização da Infantaria Divisionária na Figura 3 e também pela descrição de Faria (2015, p.241):

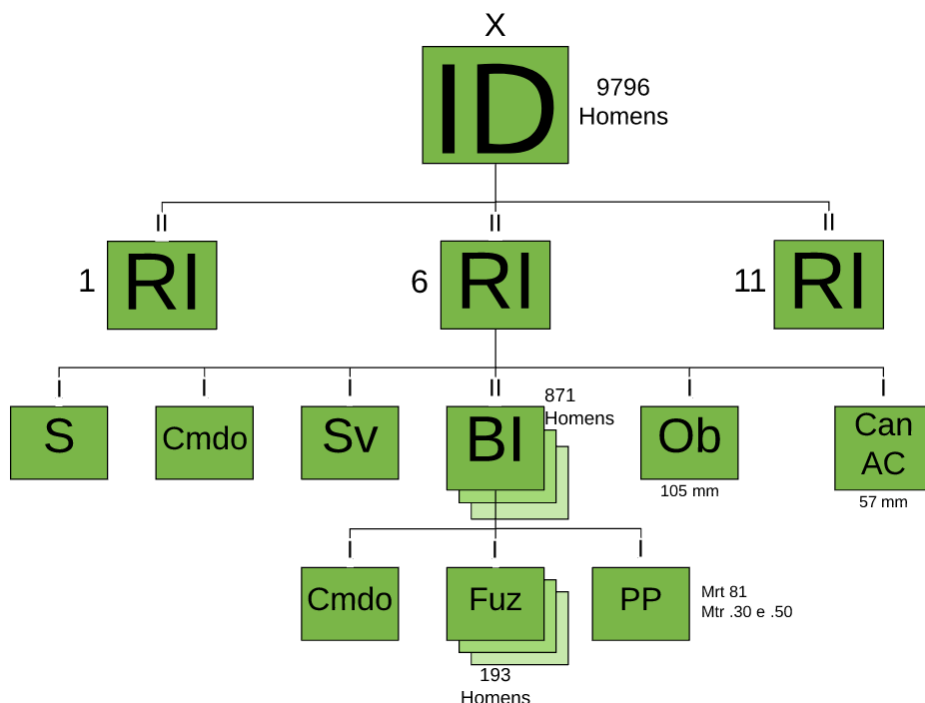


Figura 3 – Organização da Infantaria Divisionária
Fonte: Faria, 2015, p.242

[...] composto de uma companhia comando (Cia Cmdo), uma companhia de saúde (Cia S), uma companhia de serviços (Cia Sv), uma companhia de obuses (Cia O – com seis peças 105 mm), uma companhia de canhões anticarro (Cia Can AC – com nove Can AC 57 mm) e três batalhões de infantaria (BI). Estes eram compostos de uma companhia de comando (Cia Cmdo), uma companhia de petrechos pesados (Cia PP – dotada de

metralhadoras .30 e .50 e Morteiros 81 mm) e três companhias de fuzileiros (Cia Fuz) a três pelotões de fuzileiros (Pel Fuz). (FARIA, 2015, p.241)

Segundo Faria (2015, p. 243) a Divisão de Infantaria tinha as seguintes possibilidades:

[...] realizar operações de pequena envergadura contra elementos terrestres de qualquer natureza ou aéreos (em vôo baixo); atacar qualquer objetivo terrestre numa frente normal de 300 metros por RI; defender um setor de 2500 a 5000 metros por RI; e realizar pequenas operações de transposições de cursos d'água. (FARIA, 2015, p.243)

Vale ressaltar que durante as operações a Divisão de Infantaria ficou encarregada de atacar e defender numa frente de 15 km, porém que se estendeu para 18 km durante a defensiva de inverno. Isto, por vezes, impediu a concentração dos meios para um ataque efetivo. (Moraes, 1984, p.113)

5.1 Mobilização

A missão de mobilizar e preparar o efetivo de uma divisão inteira, em tão pouco tempo, segundo os moldes americanos, não foi uma tarefa fácil para a FEB. Diversas foram as dificuldades encontradas, como a falta de pessoal, equipamento e armamento adequado para uma guerra moderna e estranha ao país. Além disso, o país passava por uma crise econômica, que se estendia desde a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929.

As importações, as quais o país era dependente, como as de produtos industrializados e as de combustíveis, diminuiriam drasticamente, pois a guerra balançou o mercado mundial. Com isso, o setor de transportes sofreu muito, tanto pela falta de combustível sólido e líquido, como pelo torpedeamento de navios mercantes pelos submarinos alemães.

Por outro lado, as exportações aumentaram para atender à demanda dos países em guerra. Segundo Faria (2015, p.237) “Para os Estados Unidos, o Brasil passou a exportar, com exclusividade, além do café, matérias-primas estratégicas de origem vegetal e mineral, tais como: borracha, babaçu, cera de carnaúba, quartzo, mica, berilo e outros minerais”.

Visto as necessidades do conflito, o Presidente Vargas criou a Coordenação da Mobilização Econômica, a fim de transformar economia de paz em economia de guerra (FARIA, 2015, p. 237-238). Além disso, para aumentar a capacidade da indústria siderúrgica do Brasil, foi comprada dos Estados Unidos a Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, Rio de Janeiro.

Quanto às Forças Armadas, a necessidade de material de guerra era urgente. Segundo Faria (2015, p. 238) “Os armamentos e equipamentos, na sua grande maioria de procedência estrangeira, eram antiquados e em número insuficiente para atenderem às novas exigências.” O efetivo também necessitava de incremento. Antes do conflito, no ano de 1939, o Exército contava com cerca de 60 mil homens e, com a declaração do Estado de Guerra este efetivo chegou a 95 mil. Já em dezembro de 1943, atingiu-se o número de 165 mil, aproveitando os conscritos de 1941, 1942 e 1943, tudo com a finalidade de atender às necessidades do conflito. (MUSSALÉM, 2005, p. 84-85)

As fábricas militares brasileiras não produziam a quantidade de explosivos, armamentos, munições e equipamentos suficientes para o Exército. A solução foi apelar para o parque industrial estadunidense. Por meio da Lei do Empréstimo e Arrendamento o Brasil conseguiu adquirir material para mobiliar as tropas. Segundo Faria (2015, p. 239) foi recebido material para equipar metade da Divisão de Infantaria, além de tropas de outras naturezas.

O grande problema era quanto à disponibilidade do material. Os equipamentos e armamento não chegaram em quantidade e a tempo suficiente no Brasil para o adestramento eficaz. A tropa brasileira nunca sequer tinha visto aquele material, pois todo o aparelhamento bélico brasileiro antes da Segunda Guerra Mundial foi todo adquirido da Europa. (MORAES, 2005, p. 29)

Para mobilizar os efetivos previstos nos Boletins Especiais nº 18, foram necessárias uma série de medidas, dentre elas a promoção de primeiros-tenentes ao posto de capitão, a convocação de tenentes e aspirantes-a-oficial, o emprego de oficiais da reserva de 2ª classe, além do abrandamento dos critérios de seleção física e intelectual dos soldados. Todas essas ações emergenciais tiveram consequências para a Infantaria Divisionária.

A questão da inexperiência dos comandantes das pequenas frações foi uma realidade enfrentada pela Infantaria Divisionária. Pode-se conferir no livro de Faria, em:

A seleção para o comando das subunidades da FEB constituiu-se num sério problema, porque o quadro de capitães do Exército estava envelhecido. Foram comissionados no posto de capitão, primeiros-tenentes das turmas de 1936 e 1937, renovaram-se os quadros, com as desvantagens de se ter capitães inexperientes e não possuidores do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais no comando das subunidades. Esta medida obrigou a convocação de tenentes e, até mesmo de aspirantes-a-oficial, recém-formados na Escola Militar, para o comando dos pelotões, esbarrando-se, outra vez, no problema da inexperiência para o combate. Com relação ao emprego de oficiais da reserva de 2ª classe (reserva não remunerada ou R2), eles eram, na FEB, 3% dos capitães e 36% dos tenentes. (FARIA, 2015, p. 244)

Quanto à convocação de soldados, houve sérias restrições aos padrões norte americanos devido à característica do povo brasileiro. Muitos problemas referentes à capacidade física e intelectuais foram encontrados e, para isso, foram abrandados os critérios médicos para a seleção. Segundo Faria

Num país com população pobre e com baixa higidez física, a alta percentagem de incapazes para o serviço (em especial por problemas dentários e psicológicos) obrigou as Comissões de Inspeção ao abrandamento dos critérios, para ampliar o universo selecionado. Esse fato produziu consequências indesejáveis, como soldados sem as mínimas condições físicas ou de saúde. Pelo mesmo motivo, a seleção intelectual foi insatisfatória em diversos aspectos, já que foram incorporados centenas de analfabetos, que não atendiam às exigências para lidarem com equipamentos sofisticados. (FARIA, 2015, p. 244)

Porém, em combate, tal problema não teve o aspecto negativo esperado, já que o brasileiro, por sua característica, contornou esses problemas pela sua engenhosidade e rusticidade. Segundo o relato do Tenente-Coronel Alírio Granja, Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do Regimento Sampaio (1º RI):

Quando eu os chamava, os designava, era com satisfação que eles iam; eram normalmente alegres, bem dispostos e isso me levou a ter uma admiração muito grande pelo nosso homem simples. Ele pouco exige, não necessita, como o soldado americano, de muito conforto; ele é um homem extremamente rústico, simples e cumpridor. Quando tem uma liderança, é extraordinário, vai longe. (Motta, 2001, p.328)

No âmbito do alto comando da FEB, alguns auxiliares imediatos do chefe do governo eram simpáticos ao Exército Nazista. Este inconformismo ideológico gerava lentidão para solucionar certos problemas de adequação à doutrina americana e à compra de armamento americano, que alguns julgavam inferior ao alemão. Tudo isso dificultava a ação de comando do Marechal Mascarenhas de Moraes.

5.2 Organização

Quanto à Organização da Infantaria Divisionária (Figura 3), pode-se dizer que a questão da descentralização dos Regimentos de Infantaria, sendo um na capital do país, Rio de Janeiro, outro em São João Del Rei e outro em Caçapava, dificultavam a unidade de comando. A sua estrutura em si, outrora baseada na doutrina francesa, agora modificada para o modelo Norte Americano e a insuficiência de material de guerra americano foram os principais problemas enfrentados para a organização desta divisão.

Ao relatar sobre a mudança doutrinária do período, Moraes diz sobre a Divisão de Infantaria no período:

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (MORAES, 2005, p.28)

Esta mudança exigiu um grande esforço, incluindo a revisão dos princípios franceses e o estudo da nova forma de combater. Os comandantes precisaram fazer estágios nos Estados Unidos para que pudessem absorver melhor ensinamentos e contribuir com a formação da Infantaria Divisionária.

Quanto à descentralização, cada regimento encontrava-se em um estado do território nacional. O 1º Regimento, Regimento Sampaio, encontrava-se na capital federal, Rio de Janeiro. O 6º Regimento, Regimento Ipiranga, encontrava-se em Caçapava, no estado de São Paulo, e o 11º Regimento, Regimento Tiradentes, na cidade de São João Del Rei, no estado de Minas Gerais.

O comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes, em março de 1943, mandou concentrá-los, o que facilitaria muito a ação de comando do comandante da

Infantaria Divisionária, o General Euclides Zenóbio da Costa. Ficou decidido que as tropas deveriam se deslocar para a cidade do Rio de Janeiro, porém a mesma não possuía instalações suficientes para acomodar toda a divisão repentinamente. Além disso, por se tratar da capital federal, as tropas ficaram vulneráveis a propagandas difamatórias pelos simpatizantes dos Alemães. Faria faz uma referência sobre o fato em:

Inicialmente, a concentração da FEB estava prevista para a cidade de Resende-RJ, entretanto, devido às dificuldades de recursos e de tempo, acabou sendo efetuada em diferentes pontos do Distrito Federal (Rio de Janeiro – RJ). A tropa expedicionária teve que ocupar instalações e quartéis, sem desalojar as unidades que as ocupavam, ou instalar-se em quartéis construídos emergencialmente. Tal situação gerou óbices, porque OM com acomodação para 2.000 homens receberam até 3.500, criando um ambiente interno desconfortável e desagradável. A disciplina ficou prejudicada pelo congestionamento de tropas, as quais estavam vulneráveis à ameaça de grupos de pressão e de propaganda desagregadora e difamatória como os “5ª coluna” (elementos pró-Alemanha nazista). A proximidade da zona de concentração com os subúrbios do Rio e o fácil acesso a São Paulo e Minas Gerais levaram a constantes fugas de soldados, desejosos de rever suas famílias, após longos períodos de instrução e sem dispensas previstas. (FARIA, 2015, p.245)

Não havendo tempo hábil, nem mesmo recurso para isto, esta foi a solução mais conveniente ao momento.

Somando-se a estes problemas, o não recebimento de material de guerra norte americano em tempo. Apesar da evidente necessidade de armamentos e equipamentos relatada pelos comandantes ao escalão superior, eles nada puderam fazer. Os Estados Unidos também estavam em guerra, e seu parque industrial mal supria sua própria demanda. O material de guerra chegou ao Brasil em números insuficientes e o aprestamento completo da Infantaria Divisionária só aconteceu de fato em solo Italiano, às vésperas de entrar em ação.

5.3 Adestramento

Quanto ao adestramento da Infantaria Divisionária, ainda em solo brasileiro, alguns problemas quanto à indisponibilidade de equipamento de guerra e os rodízios frequentes de pessoal causaram atraso. A falta de condições intelectuais dos efetivos incorporados exigiu que o preparo das tropas se iniciasse pelas instruções básicas.

Para contornar estes problemas o escalão superior passou a enviar oficiais brasileiros para realizarem estágios nos Estados Unidos a fim de aprender acerca da nova doutrina. Mesmo assim, os instrutores existiam em números insuficientes, segundo Faria (2015, p. 246) o corpo de instrutores era “formado por 30 militares brasileiros que haviam estagiado nos EUA e alguns norte-americanos, que não falavam o português”. Outra medida foi a elaboração e distribuição de notas de instrução sobre a Doutrina de Emprego do Grupamento Tático. Desta maneira, a instrução era marcada pelo empirismo e autodidatismo.

A falta de material de guerra norte-americano, necessários para a familiarização e adestramento das frações constituídas, aliado à ausência de Centro de Instrução adequado, fez com que o preparo das tropas ficasse restrito à ordem unida, à educação física, às marchas e à instrução geral. Segundo Moraes (2005, p.34) “Frequentes marchas de 32 km a pé, inclusive para a Artilharia, e amudados exercícios em pistas de treinamento especializado conseguiram melhorar o estado físico da tropa, proporcionando aos nossos homens um vigor muito acentuado.”

Já em fase final de adestramento, em julho de 1944, o 1º Escalão da FEB, formado pelas tropas de infantaria do 6º Regimento, intensificava seu adestramento, incluindo exercícios de embarque e desembarque. (MORAES, 1969, p. 137)

Segundo o próprio comandante da FEB: “[...] seus 3 primeiros escalões de embarque, integrantes da 1ª DIE, chegaram à Itália com o treinamento incompleto e inadequado, e os 2 últimos partiram do Brasil, praticamente, sem instrução”. (apud FARIA, 2015, p. 246)

Após o desembarque na Itália, o 1º Escalão permaneceu em Bagnoli durante um mês, onde seu adestramento em quase nada avançou devido ao atraso de recebimento do material bélico norte americano necessário para isso. Segundo Faria, “Por isso, visando manter a forma física, a disciplina e a coesão, foram feitas práticas desportivas, marchas, ordem unida e instrução geral.” Nota-se que foi algo semelhante ao que ocorreu no território brasileiro.

Para os oficiais e praças graduados, ocorreram estágios na linha de frente das 34ª e 88ª Divisão de Infantaria Norte Americana, além de cursos para capitães e tenentes na “Leadership and battle training school” na área de Caserta. Estes,

mesmo com as dificuldades linguísticas, se saíram muito bem e foram alvo de elogios dos instrutores e observadores norte-americanos (FARIA, 2015, p.250)

Somente em agosto de 1944, quando o 1º Escalão foi incorporado ao V Exército Norte Americano, que se iniciou a distribuição do material à tropa brasileira. De acordo com Moraes (2005, p.49) “Em uma quinzena, graças a um esforço enorme, inavaliável, tão grande foi, conseguimos receber uma verdadeira montanha de variado e complexo material de guerra.”

Já de posse do material de guerra, o 1º Escalão deslocou-se para Vada, onde os adestramentos foram intensificados a partir de 22 de agosto. O comandante da FEB conseguiu autorização para que muitos oficiais e sargentos estagiassem em Unidades americanas na frente do rio Arno.

Em Vada ocorreu um grande exercício para ultimar a preparação ainda precária do 1º Escalão. Iniciou-se no dia 10 de setembro e teve a duração de 36 horas. Como preparação, foi realizada uma marcha de 36 km, e o exercício decorreu-se com a utilização de uma grande quantidade de munição de guerra. Participaram, na função de árbitros, 270 oficiais americanos.

Notou-se com o transcorrer deste exercício, que apesar dos revezes enfrentados durante o adestramento da tropa, o soldado brasileiro, possuidor de alto espírito de cumprimento de missão e grande resistência física, pode superar as expectativas. Vê-se tal fato no período descrito por Moraes (1969, p.162) “Quando concluído, ouviram-se os árbitros. Manifestaram eles o parecer de que os magníficos resultados, evidenciados nesse exercício, atestavam excelente grau de adestramento para o combate.”

Desta maneira, encerrava-se, com êxito, o adestramento do 1º Escalão da FEB. Entretanto, os demais escalões foram empregados às pressas, e não puderam realizar um adestramento a contento.

Os demais escalões, isto é, o grosso da FEB, desembarcou em território italiano, e ao contrário do que era esperado, não receberam o material de guerra para iniciar o adestramento o mais breve possível devido ao atraso dos transportes, sobretudo marítimo.

Realmente, a entrega do material de guerra ao grosso da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª. DIE), a cargo da Peninsular Base Section (PBS), não se efetuou no prazo prometido e esperado pelo General Mark Clark, por motivos que exorbitaram da alçada do Comandante do V Exército e chefes militares brasileiros. (MORAES, 1969, p. 205)

O grosso da FEB levou mais de 30 dias para receber todo o suprimento. Tal fato só se deu por completo no dia 22 de novembro de 1944. Com isso o período de instrução prevista para esta tropa nas áreas de Filettole e San Rossore não pôde iniciar. (MORAES, 1969, p. 205-206)

Como forma de compensar a falta de instrução dos soldados, muitos oficiais foram enviados para estagiar no Destacamento da FEB, isto é, no 1º Escalão. Por fim, não houve tempo para que o grosso ultimasse sua preparação, visto que as imposições do combate exigiram o emprego imediato das tropas.

As unidades de infantaria deixaram a área de Filettole, rumo ao setor Marano-Riola, no calendário abaixo:

II/1º RI (Batalhão do Major Sizen Sarmento) – noite de 19/20 de novembro; III/1º RI (Batalhão do Major Franklin de Moraes) – noite de 20/21 de novembro; I/1º RI (Batalhão do Major Olívio G. Uzeda) – noite de 21/22 de novembro;

III/11º RI (Batalhão do Major Cândido Alves da Silva) – noite de 27/28 de novembro; II/11º RI (Batalhão do Major Orlando Ramagem) – noite de 29/30 de novembro; I/11º RI (Batalhão do Major Jaci Guimarães) – noite de 30/1º de dezembro. (MORAES, 1969, p.207)

No trecho acima, nota-se que as tropas concomitantemente ao recebimento do equipamento já eram deslocadas para a substituição das tropas americanas no setor Marano-Riola, no vale do Rio Reno.

Apesar das dificuldades encontradas durante o processo da formação, no que tange à mobilização e à organização, e do preparo, no que tange ao adestramento da Infantaria Divisionária, o comando propôs soluções coerentes com a situação. Mesmo sem praticamente nenhum adestramento, os 2º e 3º Escalões da FEB travaram duríssimos combates e, ao final, saíram vitoriosos dos entraves contra os exércitos nazi-facistas.

A mobilização da FEB foi dificultada pela incompatibilidade do porte físico do brasileiro em relação aos padrões exigidos pelos norte americanos. Porém, durante o conflito, o soldado brasileiro mostrou-se muito resistente, combatendo ombro a ombro com os americanos, mesmo sob condições climáticas adversas. Adaptou-se

com rapidez aos armamentos e às técnicas de combate, surpreendendo os soldados americanos e até mesmo os alemães. Sobressaía-se às limitações físicas dos pracinhas o espírito de cumprimento de missão deles.

“Conta-se que, certa vez, Mark Clark, general comandante de todas as tropas americanas da Itália, ficou intensamente impressionado com o sangue frio e a coragem de um soldado brasileiro, quando perguntando-lhe, através de um intérprete:

“-A patrulha vai sair daqui a pouco. Qual a sua função nela?”

“-Eu sou a isca”, respondeu-lhe o pracinha com uma naturalidade impressionante.

“-A isca? Que quer dizer isso?”

“-Uai. É assim: a gente quando não sabe onde o alemão está, eu saio na frente da patrulha, faço umas ‘visagens’ e então eles atiram, e a gente vê onde eles estão e manda bala neles...” (ROSA, 1999, p. 46)

O soldado brasileiro também se destacou por sua criatividade ao enfrentar o rigoroso clima. Praticamente a totalidade daqueles brasileiros que estavam em combate, jamais haviam enfrentado condições climáticas tão adversas e temperaturas tão baixas. Os brasileiros usavam coturnos maiores do que os pés e forravam com feno ou palha de trigo seca para amenizar o frio e também forravam o chão com palha para pernovernarem em clima tão severo. Estas adaptações eram características dos brasileiros, pouco robustos, porém muito rústicos. (Fröhlich, 2015)

6. CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve como objetivos analisar o alinhamento ideológico e doutrinário com os Estados Unidos, depois compreender como foi o processo de mobilização, organização e o adestramento da Infantaria Divisionária da FEB para entender como uma tropa, mesmo diante de tantos obstáculos, mostrou-se eficiente contra as tropas nazi-fascistas.

Os resultados encontrados foram que o Brasil dispunha de material de guerra ultrapassado e em números insuficientes para enfrentar um conflito moderno desta magnitude. Além disto, a Escola Francesa seguida pelo Exército não se mostrava eficiente frente a este tipo de guerra. Tanto a aquisição de equipamentos e armamentos modernos, quanto a atualização da doutrina brasileira só se fez possível devido à aliança Brasil-Estados Unidos, mesmo esta encontrando a resistência de alguns membros do alto comando que eram simpatizantes dos governos totalitaristas nazi-facistas.

A assinatura do tratado de Empréstimo e Arrendamento com os Estados Unidos possibilitou a compra de material de guerra indispensável para o emprego da Infantaria Divisionária, em condições vantajosas para o Brasil.

Encontramos que o curto espaço de tempo para o envio das tropas, a falta de recursos e a falta de preparo psicológico do povo brasileiro para a guerra, de certa forma atrapalharam a formação e o preparo da Infantaria Divisionária, visto que quase que da noite para o dia, tivemos que alterar nossa doutrina, implicando na criação de novas unidades, necessidade de familiarização com o novo armamento e equipamento, além da necessidade de se adestrar de acordo com o novo modo de combater.

Somando-se a isso a limitação física dos soldados brasileiros, a inexperiência dos jovens comandantes de companhia que foram comissionados ao posto de capitão para preencher os claros, pelo emprego de oficiais subalternos recém-egressos das escolas de formação e, principalmente, pela demora em receber o

material de guerra dos Estados Unidos, a Infantaria Divisionária não chegou no teatro de operações em perfeitas condições de combater.

O alto escalão da FEB fez de tudo para que a tropa chegasse nas melhores condições no teatro de operações, enviando oficiais e graduados brasileiros para estagiarem nas tropas americanas e manutenção do adestramento da tropa na medida do possível.

Destaca-se o espírito de cumprimento do dever do soldado brasileiro e sua rusticidade. Mesmo com o preparo mínimo para combater, a Infantaria Divisionária foi colocada à prova e, quando exigida, respondeu positivamente, galgando êxito na missão de combater as tropas nazi-facistas.

Portanto, a nossa hipótese de pesquisa foi de que a determinação dos pracinhas brasileiros e o esforço realizado pelo comando da FEB foram fatores preponderantes para superar as dificuldades e alcançar o êxito nas operações no teatro de operações italiano. Contudo, o alinhamento com os Estados Unidos em muito contribuíram para a renovação dos equipamentos necessários para o cumprimento desta missão.

O resultado alcançado nesta pesquisa pôde identificar que a preparação da Infantaria Divisionária, principalmente do grosso, foi insuficiente, porém a rusticidade, a criatividade e o espírito de cumprimento de missão da tropa brasileira mostraram-se capaz de superar tal obstáculo e levar o Brasil, juntamente aos países Aliados ao êxito do combate aos países do Eixo.

Concluimos então que a aliança Brasil-Estados Unidos possibilitou a modernização do material de guerra brasileiro, mas o tempo escasso fez com que a preparação das tropas não fosse a contento. Porém o espírito aguerrido dos soldados brasileiros com indelével dever patriótico de combater aquela ditadura surpreendeu positivamente, culminando no êxito das operações.

No decorrer da pesquisa, deparamo-nos com um tema de grande interesse, mas que fugiu ao recorte adotado nesta pesquisa, sendo, contudo merecedor de uma pesquisa mais aprofundada. Trata-se do constante preparo do Brasil para um conflito internacional, evitando, desta forma, a dependência de auxílio externo para uma adequada mobilização e preparo para o combate.

REFERÊNCIAS

- SZKLARZ, Eduardo. **Sementes do mal**, 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/sementes-do-mal/>>. Acesso em: 15 de abr. 2017.
- LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2015.
- FARIA, Durland Puppim (Org.). **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: AMAN, 2015.
- TOSTA, Wilson. **Hitler ordenou pessoalmente ataques a navios e cerco a portos**, 2012. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,hitler-ordenou-pessoalmente-ataques-a-navios-e-cerco-a-portos,921563>>. Acesso em: 18 de abr. 2017.
- McCann, Frank D. **A aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**; tradução de Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias**. 1º vol. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Livraria José Olympio Editora, 1969.
- MACMILLAN, Margaret Olwen. **Paz em Paris**, 1919: a Conferência de Paris e seu mister de encerrar a Grande Guerra. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- GUEDES, Vinícius Fernandes. **FEB na segunda guerra mundial: mobilização, organização e preparo**. Resende: AMAN, 2015. 31 p. Monografia. Resende, 2015.
- MUSSALÉM, Josué Souto Maior. **II Guerra Mundial: sessenta anos depois: os impactos do conflito sobre o Brasil**. Recife: COMUNIGRAF, 2005. 266p.
- MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. São Paulo: Inst. Prog. Editorial, 1947

MOREIRA, Regina da luz. **1944: O Brasil vai à guerra com a FEB**, 2014. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>>. Acesso em: 01 de jun. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas.**

Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/apresentacao>>. Acesso em: 01 de jun. 2017

ROSA, Celso. **O pracinha na guerra.** 1. Ed. São Paulo: C. Rosa, 1999.

MOTTA, Arclides de Moraes (Coord.) **História oral do Exército na segunda guerra mundial.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

Revista Mundo Estranho. **Qual foi o real motivo de o Brasil ter entrado na segunda guerra.** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/qual-foi-o-real-motivo-de-o-brasil-ter-entrado-na-segunda-guerra>>. Acesso em 20 de Junho de 2017.

Fröhlich, Sirio Sebastião. **Vozes da Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015.

MOTTA, Aricildes de Moraes (Coord.) **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo 4.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias.** 2º vol. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.